



GUERRA DOS TRONOS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - VOL 1

GEORGE
R.R.
MARTIN

- tradução de Jorge Candeias -



Este é para Melinda

PRÓLOGO

— Devíamos regressar — insistiu Gared quando os bosques começaram a escurecer em redor do grupo. — Os selvagens estão mortos.

— Os mortos assustam-te? — perguntou Sor Waymar Royce com não mais do que uma sugestão de sorriso no rosto.

Gared não mordeu a isca. Era um homem velho, com mais de cinquenta anos, e vira os nobres chegar e partir.

— Um morto é um morto — disse. — Nada temos a tratar com os mortos.

— Mas estão mortos? — perguntou Royce com suavidade. — Que prova temos disso?

— Will viu-os — disse Gared. — Se ele diz que estão mortos, é prova suficiente para mim.

Will já sabia que o iriam arrastar para a disputa mais tarde ou mais cedo. Desejou que tivesse sido mais tarde.

— A minha mãe disse-me que os mortos não cantam — disse.

— A minha ama-de-leite disse a mesma coisa, Will — respondeu Royce. — Nunca acredites em nada do que ouvires junto à mama de uma mulher. Há coisas a aprender mesmo com os mortos. — A sua voz gerou ecos, alta de mais na penumbra da floresta.

— Temos perante nós uma longa cavalgada — salientou Gared. — Oito dias, talvez nove. E a noite está a cair.

Sor Waymar Royce olhou o céu de relance, com desinteresse.

— Isso acontece todos os dias por esta hora. Perdes a virilidade com o escuro, Gared?

Will via o aperto em torno da boca de Gared, a ira só a custo reprimida nos olhos que espreitavam sob o espesso capuz negro do seu manto. Gared passara quarenta anos na Patrulha da Noite, em homem e em rapaz, e não estava acostumado a ser desvalorizado. Mas era mais do que isso. Will conseguia detectar no homem mais velho algo mais sob o orgulho ferido. Era possível sentir-lhe o gosto: uma tensão nervosa que se aproximava perigosamente do medo.

Will partilhava o desconforto do outro homem. Estava há quatro anos na Muralha. Da primeira vez que fora enviado para lá dela, todas as velhas histórias lhe tinham ocorrido ao cérebro e as entranhas tinham-se-lhe feito em água. Era agora um veterano de cem patrulhas, e a escura e

infinita terra selvagem a que os sulistas chamavam floresta assombrada já não tinha terrores para si.

Até àquela noite. Algo era diferente naquela noite. Havia naquela escuridão algo de cortante que lhe fazia eriçar os pêlos da nuca. Cavalgavam há nove dias, para norte e noroeste e depois de novo para norte, cada vez para mais longe da Muralha, seguindo sem desvios o trilho de um bando de salteadores selvagens. Cada dia fora pior que o anterior. Aquele tinha sido o pior de todos. Um vento frio soprava do norte e fazia as árvores sussurrar como coisas vivas. Durante todo o dia, Will tivera uma sensação que era como se algo o estivesse a observar, algo frio e implacável que não gostava dele. Gared também o sentira. Will nada desejava com tanta força como cavalgar a toda a brida de regresso à segurança da Muralha, mas esse não era um sentimento que se pudesse partilhar com um comandante.

Especialmente com um comandante como aquele.

Sor Waymar Royce era o filho mais novo de uma Casa antiga com demasiados herdeiros. Era um jovem bem-parecido de dezoito anos, de olhos cinzentos e elegante e esbelto como uma faca. Montando no seu enorme corcel de batalha negro, o cavaleiro elevava-se bem acima de Will e Gared, montados nos seus garranos de menores dimensões. Trajava botas negras de couro, calças negras de lã, luvas negras de pele de toupeira, e uma cintilante cota de malha negra e flexível por cima de várias camadas de lã negra e couro fervido. Sor Waymar era um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite há menos de meio ano, mas ninguém poderia dizer que não se preparara para a sua vocação. Pelo menos no que ao guarda-roupa dizia respeito.

O manto constituía a consumação da sua glória; zibelina, espessa e negra, suave como pele. “Aposto que foi ele próprio quem as matou a todas, ah pois aposto” dissera Gared na caserna, entre os vapores do vinho, “torceu-lhes as cabecinhas e arrancou-as, o nosso poderoso guerreiro”. A gargalhada fora partilhada por todos.

É difícil aceitar ordens de um homem de quem nos rimos de copo na mão, reflectiu Will, sentado a tremer sobre o dorso do garrano. Gared devia sentir o mesmo.

— Mormont disse-nos para os encontrarmos e encontrámos — disse Gared. — Estão mortos. Não voltarão a causar-nos problemas. Temos uma dura cavalgada à nossa frente. Não gosto deste tempo. Se nevar, poderemos levar uma quinzena a regressar, e a neve é o melhor que podemos esperar. Alguma vez vistes uma tempestade de gelo, senhor?

O nobre pareceu não o ouvir. Estudava o crepúsculo que se aprofundava naquele seu modo meio aborrecido e meio distraído. Will já cavalgava com o cavaleiro há tempo suficiente para compreender que era melhor não

o interromper quando ele punha aquela expressão.

— Diz-me de novo o que viste, Will. Todos os detalhes. Não deixes nada de fora.

Will fora um caçador antes de se juntar à Patrulha da Noite. Bem, na verdade fora um caçador furtivo. Os cavaleiros livres de Mallister tinham-no apanhado com a boca na botija nos bosques do próprio Mallister, a esfolar um dos seus gamos, e apenas pudera escolher entre passar a vestir de negro e perder uma mão. Ninguém era capaz de se mover pela floresta tão silenciosamente como Will, e os irmãos negros não tinham demorado muito tempo a descobrir o seu talento.

— O acampamento fica duas milhas mais à frente, para lá daquela cumeada, mesmo ao lado de um ribeiro — disse Will. — Cheguei o mais perto que me atrevi. Eles são oito, com homens e mulheres. Não vi crianças. Ergueram um abrigo contra a rocha. A neve já o cobriu bem, mas mesmo assim, consegui descortiná-lo. Não vi nenhum fogo a arder, mas a cova da fogueira ainda estava clara como o dia. Ninguém se movia. Observei durante muito tempo. Nunca um homem vivo ficou tão quieto.

— Viste algum sangue?

— Bem, não — admitiu Will.

— Viste armas?

— Algumas espadas, uns quantos arcos. Um homem tinha um machado. Com ar de ser pesado, duas lâminas, um cruel bocado de ferro. Estava no chão a seu lado, mesmo junto à sua mão.

— Prestaste atenção à posição dos corpos?

Will encolheu os ombros.

— Um par deles está sentado junto ao rochedo. A maioria está no chão. Como caídos.

— Ou a dormir — sugeriu Royce.

— Caídos — insistiu Will. — Há uma mulher numa árvore de pau-ferro, meio escondida entre os ramos. Uma olhos-longos. — Fez um ténue sorriso. — Assegurei-me de que não me conseguiria ver. Quando me aproximei, vi que ela também não se movia. — Foi sacudido por um estremecimento involuntário.

— Estás enregelado? — perguntou Royce.

— Um pouco — murmurou Will. — É o vento, senhor.

O jovem cavaleiro virou-se para o seu grisalho homem-de-armas. Folhas pesadas de geada suspiravam ao passar por eles, e o corcel de batalha movia-se de forma inquieta.

— Que te parece que possa ter morto aqueles homens, Gared? — perguntou Sor Waymar com ar casual. Ajustou a posição do longo manto de zibelina.

— Foi o frio — disse Gared com uma certeza férrea. — Vi homens congelar no Inverno passado e no outro antes desse, quando era miúdo. Toda a gente fala de neves com doze metros de profundidade, e do modo como o vento de gelo chega do norte a uivar, mas o verdadeiro inimigo é o frio. Aproxima-se em silêncio, mais furtivo do que o Will, e a princípio estremece-se e os dentes batem, e bate-se com os pés no chão e sonha-se com vinho aquecido e boas e quentes fogueiras. Ele queima, ah pois queima. Nada queima como o frio. Mas só durante algum tempo. Então penetra no corpo e começa a enchê-lo, e passado algum tempo já não se tem força suficiente para combatê-lo. É mais fácil limitarmo-nos a sentar-nos ou a adormecer. Dizem que não se sente dor alguma perto do fim. Primeiro fica-se fraco e sonolento, e tudo começa a desvanecer-se, e depois é como afundar num mar de leite morno. Como que pacífico.

— Quanta eloquência, Gared — observou Sor Waymar. — Nunca suspeitei que a tivesses dentro de ti.

— Também tive o frio dentro de mim, nobre. — Gared puxou para trás o capuz, oferecendo a Sor Waymar um longo olhar sobre os cotos onde as suas orelhas tinham estado. — Duas orelhas, três dedos dos pés e o mindinho da mão esquerda. Tive sorte. Encontrámos o meu irmão congelado no seu posto de vigia, com um sorriso no rosto.

Sor Waymar encolheu os ombros.

— Devias vestir coisas mais quentes, Gared.

Gared lançou ao nobre um olhar feroz, e as cicatrizes em redor dos seus ouvidos ficaram vermelhas de fúria nos locais onde o Mestre Aemon cortara as orelhas.

— Veremos quão quente podeis vestir-vos quando chegar o Inverno. — Puxou o capuz para cima e arqueou as costas sobre o garrano, silencioso e carrancudo.

— Se Gared diz que foi o frio... — começou Will.

— Fizeste alguma vigia nesta última semana, Will?

— Sim, senhor. — Nunca havia uma semana em que ele não fizesse uma maldita dúzia de vigias. Onde queria o homem chegar?

— E em que estado encontraste a Muralha?

— Húmida — disse Will, franzindo o sobrolho. Agora que o nobre o fizera notar, via os factos com clareza. — Eles não podem ter congelado. Se a Muralha está húmida, não podem. O frio não é suficiente.

Royce anuiu.

— Rapaz esperto. Tivemos alguns frios ligeiros na semana passada, e uma queda de neve rápida de vez em quando, mas de certeza que não houve nenhum frio suficientemente forte para matar oito homens adultos. Homens vestidos de peles e couro, relembro, com um abrigo ali à mão e

meios para fazer fogo. — O sorriso do cavaleiro ressumava confiança. — Will, leva-nos lá. Quero ver esses mortos com os meus próprios olhos.

E a partir desse momento, nada mais havia a fazer. A ordem fora dada, e a honra obrigava-os a obedecer.

Will seguiu à frente, com o pequeno garrano felpudo a escolher com cuidado o caminho por entre a vegetação rasteira. Uma neve ligeira caíra na noite anterior, e havia pedras, raízes e covas escondidas logo por baixo da sua crosta, à espreita dos descuidados e dos imprudentes. Sor Waymar Royce vinha logo atrás, com o grande corcel negro de batalha a resfolegar de impaciência. Aquele cavalo era a montada errada para uma patrulha, mas tentem dizê-lo ao nobre. Gared fechava a retaguarda. O velho soldado resmungava para si próprio enquanto avançava.

O crepúsculo aprofundava-se. O céu sem nuvens tomou um profundo tom de púrpura, a cor de uma velha nódoa negra, e depois dissolveu-se em negro. As estrelas começaram a surgir. Uma meia-lua ergueu-se. Will estava grato pela luz.

— Podemos decerto avançar mais depressa do que isto — disse Royce depois de a Lua se erguer por completo.

— Com este cavalo, não — disse Will. O medo tornara-o insolente. — Talvez o meu senhor deseje tomar a dianteira?

Sor Waymar Royce não se dignou responder.

Algures nos bosques, um lobo uivou.

Will levou o garrano para baixo de uma velha e nodosa árvore de pau-ferro e desmontou.

— Porque páras? — perguntou Sor Waymar.

— É melhor ir o resto do caminho a pé, senhor. O sítio é logo depois daquele cabeçaço.

Royce fez uma pausa momentânea, de olhos presos na distância e o rosto pensativo. Um vento frio sussurrou por entre as árvores. O grande manto de zibelina agitou-se nas suas costas como uma coisa semiviva.

— Há qualquer coisa de errado aqui — murmurou Gared.

O jovem cavaleiro dedicou-lhe um sorriso desdenhoso.

— Ai há?

— Não o sentis? — perguntou Gared. — Escutai a escuridão.

Will sentia-o. Em quatro anos na Patrulha da Noite, nunca estivera tão temeroso. O que era aquilo?

— Vento. Árvores a restolhar. Um lobo. Que som te apavora tanto, Gared? — Quando Gared não respondeu, Royce deslizou graciosamente da sela. Atou com segurança o corcel de batalha a uma ramada baixa, bem afastado dos outros cavalos, e retirou a espada da bainha. Jóias cintilaram no punho e o luar percorreu o aço brilhante. Era uma arma magnífica, for-

jada num castelo e, segundo aparentava, novinha em folha. Will duvidava que tivesse sido alguma vez brandida em fúria.

— O arvoredo é espesso por aqui — preveniu Will. — Essa espada enredar-vos-á, senhor. Uma faca é melhor.

— Se eu precisar de instruções, pedi-las-ei — disse o jovem senhor. — Gared, fica aqui. Guarda os cavalos.

Gared desmontou.

— Precisamos de uma fogueira. Tratarei disso.

— Quanta tolice tens tu nessa cabeça, velhote? Se houver inimigos nesta floresta, uma fogueira é a última coisa que queremos.

— Há alguns inimigos que uma fogueira manterá afastados — disse Gared. — Ursos, lobos gigantes e... e outras coisas...

A boca de Sor Waymar transformou-se numa linha dura.

— Não haverá fogo.

O capuz de Gared engolia-lhe o rosto, mas Will conseguia ver a cintilação dura nos olhos que se fixavam no cavaleiro. Por um momento, temeu que o homem mais velho puxasse da espada. Era uma coisa curta e feia, com o punho desbotado pelo suor e o gume denteado pelo muito uso, mas Will não daria um pendão de ferro pela vida do nobre se Gared a desembainhasse.

Por fim, Gared olhou para baixo.

— Não haverá fogo — murmurou de forma quase inaudível.

Royce tomou aquilo como aquiescência e virou-se.

— Indica o caminho — disse a Will.

Will teceu um rumo através de um matagal, e depois subiu o declive do cabeço baixo onde encontrara o seu ponto de vigia, por baixo de uma árvore-sentinela. Sob a fina crosta de neve, o solo estava húmido e lamacento, escorregadio, com rochas e raízes escondidas, prontas a fazer tropeçar. Will não fez nenhum som enquanto trepava. Atrás de si, ouvia o suave roçar metálico da cota de malha do nobre, o restolhar de folhas e pragas murmuradas quando ramos espetados se agarravam à espada e puxavam pelo magnífico manto de zibelina do outro homem.

A grande árvore estava mesmo no topo do cabeço, onde Will sabia que estaria, com os ramos inferiores não mais que trinta centímetros acima do solo. Will deslizou por baixo, com a barriga assente na neve e na lama, e olhou a clareira vazia mais abaixo.

O coração parou-lhe no peito. Por um momento, não se atreveu a respirar. O luar brilhava sobre a clareira, sobre as cinzas na cova da fogueira, sobre o abrigo coberto de neve, sobre o grande rochedo, sobre o pequeno ribeiro meio congelado. Tudo estava como estivera algumas horas antes.

Eles não estavam lá. Todos os corpos tinham desaparecido.

— Deuses! — ouviu dizer atrás de si. Uma espada golpeou um ramo quando Sor Waymar Royce atingiu o topo do cabeça. Ficou em pé ao lado da árvore, de espada na mão, com o manto a ondular nas suas costas, soprado pelo vento que se levantava, nobremente delineado contra as estrelas para que todos o vissem.

— *Baixai-vos!* — segredou Will com urgência. — Há algo de errado. Royce não se moveu. Olhou para a clareira vazia e riu-se.

— Os teus mortos parece que levantaram o acampamento, Will.

A voz de Will abandonou-o. Procurou palavras que não vieram. Não era possível. Os seus olhos percorreram para trás e para a frente o acampamento abandonado, e pararam no machado. Um enorme machado de batalha de duas lâminas, ainda caído onde o vira pela última vez, intocado. Uma arma valiosa...

— De pé, Will — ordenou Sor Waymar. — Não está aqui ninguém. Não te quero ver escondido por baixo de um arbusto.

Relutantemente, Will obedeceu.

Sor Waymar olhou-o com aberta desaprovação.

— Não vou regressar a Castelo Negro com um falhanço na minha primeira patrulha. *Vamos* encontrar aqueles homens. — Olhou de relance em volta. — Sobe à árvore. Sê rápido. Procura uma fogueira.

Will virou-se, sem palavras. Não valia a pena argumentar. O vento movia-se. Trespassava-o. Dirigiu-se para a árvore, uma sentinela abobadada cinzenta esverdeada, e começou a trepar. Em breve tinha as mãos pegajosas de seiva e estava perdido entre as agulhas. O medo enchia-lhe o estômago como uma refeição que fosse incapaz de digerir. Murmurou uma prece aos deuses sem nome da floresta e libertou o punhal da sua bainha. Pô-lo entre os dentes para manter ambas as mãos livres para a escalada. O sabor do ferro frio na sua boca confortou-o.

Em baixo, o nobre gritou de súbito:

— Quem vem lá?

Will ouviu incerteza na chamada. Parou de escalar; escutou; observou.

Os bosques deram resposta: um restolhar de folhas, o correr gelado do ribeiro, o pio distante de uma coruja das neves.

Os Outros não faziam som algum.

Will viu movimento com o canto do olho. Sombras pálidas que deslizavam pela floresta. Virou a cabeça, viu de relance uma sombra branca na escuridão. Logo depois, desaparecera. Ramos agitaram-se gentilmente ao vento, coçando-se uns aos outros com dedos de madeira. Will abriu a boca para gritar um aviso, e as palavras pareceram congelar na sua garganta. Talvez estivesse errado. Talvez tivesse sido apenas uma ave, um reflexo

na neve, um qualquer truque do luar. Afinal, que vira?

— Will, onde estás? — chamou Sor Waymar. — Vês alguma coisa? — Descrevia um círculo lento, de súbito cauteloso, de espada na mão. Deve tê-los pressentido, tal como Will os pressentia. Nada havia para ver. — Responde-me! Porque está tanto frio?

E *estava* frio. Tremendo, Will agarrou-se com mais força ao seu poleiro. Apertou o rosto com força contra o tronco da árvore. Sentia a seiva doce e pegajosa na bochecha.

Uma sombra emergiu da escuridão da floresta. Parou em frente de Royce. Era alta, descarnada e dura como ossos velhos, com uma carne pálida como leite. A sua armadura parecia mudar de cor quando se movia; aqui era tão branca como neve recém-caída, ali negra como uma sombra, por todo o lado sarapintada com o profundo cinzento esverdeado das árvores. Os padrões corriam como o luar na água com cada passo que dava.

Will ouviu a exalação a sair de Sor Waymar Royce num longo silvo.

— Não avances mais — preveniu o nobre. A sua voz estava quebrada como a de um rapaz. Atirou o longo manto de zibelina para trás por sobre os ombros, a fim de libertar os braços para a batalha, e pegou na espada com ambas as mãos. O vento parara. Estava muito frio.

O Outro deslizou em frente sobre pés silenciosos. Na mão, trazia uma espada que não era como nada que Will tivesse visto. Nenhum metal humano tinha entrado na forja daquela lâmina. Estava viva de luar, translúcida, um fragmento de cristal tão fino que parecia quase desaparecer quando era vista de frente. Havia naquela coisa uma ténue cintilação azul, uma luz fantasmagórica que brincava com os seus limites, e de algum modo Will soube que era mais afiada do que qualquer navalha.

Sor Waymar enfrentou o inimigo com bravura.

— Nesse caso, dança comigo.

Ergueu a espada bem alto acima da cabeça, desafiador. As mãos tremiam com o peso da arma, ou talvez devido ao frio. Mas naquele momento, pensou Will, já não era um rapaz, e sim um homem da Patrulha da Noite.

O Outro parou. Will viu-lhe os olhos, azuis, mais profundos e mais azuis do que quaisquer olhos humanos, de um azul que queimava como gelo. Fixaram-se na espada que estremecia, erguida, observaram o luar que corria, frio, ao longo do metal. Durante um segundo, atreveu-se a ter esperança.

Emergiram em silêncio, das sombras, gémeos do primeiro. Três... quatro... cinco... Sor Waymar talvez tivesse sentido o fio que vinha com eles, mas não os chegou a ver, não os chegou a ouvir. Will tinha de o chamar. Era o seu dever. E a sua morte, se o fizesse. Estremeceu, abraçou a árvore e manteve o silêncio.

A espada clara veio pelo ar, a tremer.

Sor Waymar parou-a com aço. Quando as lâminas se encontraram, não se ouviu nenhum ressoar de metal com metal, apenas um som agudo e fino, no limiar da audição, como um animal a guinchar de dor. Royce parou um segundo golpe, e um terceiro, e depois recuou um passo. Outra chuva de golpes e recuou outra vez.

Atrás dele, para a direita, para a esquerda, em seu redor, os observadores mantinham-se em pé, pacientes, sem rosto, silenciosos, com os padrões mutáveis das suas delicadas armaduras a torná-los quase invisíveis na floresta. Mas não faziam um gesto para intervir.

Uma vez e outra, as espadas encontraram-se, até Will querer tapar os ouvidos, protegendo-os do estranho e angustiante lamento dos seus choques. Sor Waymar já arquejava de esforço, e a respiração gerava nuvens ao luar. A sua lâmina estava branca de gelo; a do Outro dançava com uma pálida luz azul.

Então, a parada de Royce chegou um momento tarde de mais. A espada cristalina trespassou a cota de malha por baixo do seu braço. O jovem senhor gritou de dor. Surgiu sangue por entre os aros. Correu ao frio, e as gotas pareciam vermelhas como fogo onde tocavam a neve. Os dedos de Sor Waymar esfregaram o flanco. A sua luva de pele de toupeira veio empapada de vermelho.

O Outro disse qualquer coisa numa língua que Will não conhecia; a sua voz era como o quebrar do gelo num lago de Inverno, e as palavras eram trocistas.

Sor Waymar Royce encontrou a sua fúria.

— Por Robert! — gritou, e atacou, a rosnar, erguendo com ambas as mãos a espada coberta de gelo e brandindo-a num golpe lateral paralelo ao chão, carregado com todo o seu peso. A parada do Outro foi quase displacente.

Quando as lâminas se tocaram, o aço despedaçou-se.

Um grito ecoou pela noite da floresta, e a espada quebrou-se numa centena de bocados quebradiços, espalhando-se os estilhaços como uma chuva de agulhas. Royce caiu de joelhos, guinchando, e cobriu os olhos. Sangue jorrou-lhe por entre os dedos.

Os observadores aproximaram-se uns dos outros, como se em resposta a um sinal. Espadas ergueram-se e caíram, tudo num silêncio mortal. Era um assassinio frio. As lâminas pálidas atravessaram a cota de malha como se fosse seda. Will fechou os olhos. Muito abaixo, ouviu-lhes as vozes e os risos, aguçados como pingentes.

Quando reuniu coragem para voltar a olhar, um longo tempo passara, e o cabeça lá em baixo estava vazio.

Ficou na árvore, quase sem se atrever a respirar, enquanto a Lua foi rastejando lentamente pelo céu negro. Por fim, com os músculos cheios de câibras e os dedos dormentes de frio, desceu da árvore.

O corpo de Royce jazia na neve de barriga para baixo, com um braço aberto. O espesso manto de zibelina tinha sido cortado numa dúzia de sítios. Jazendo assim morto, via-se como era novo. Um rapaz.

Will encontrou o que restava da espada a alguns pés de distância, com a extremidade estilhaçada e retorcida, como uma árvore atingida por um relâmpago. Ajoelhou-se, olhou em volta com cautela, e apanhou-a. A espada quebrada seria a sua prova. Gared saberia compreendê-la, e se não soubesse, então haveria o velho urso do Mormont ou o Mestre Armon. Estaria Gared ainda à espera com os cavalos? Tinha de apressar-se.

Will endireitou-se. Sor Waymar Royce erguia-se sobre ele.

As suas belas roupas eram farrapos, o seu rosto uma ruína. Um estilhaço da espada trespassara a pupila branca e cega do seu olho esquerdo.

O olho direito estava aberto. A pupila queimava, azul. Via.

A espada quebrada caiu de dedos despídos de força. Will fechou os olhos para rezar. Mãos longas e elegantes roçaram na sua bochecha e depois fecharam-se em volta da sua garganta. Estavam enluvadas na mais fina pele de toupeira e pegajosas de sangue, mas o seu toque era frio como gelo.

BRAN

A manhã chegara límpida e fria, com uma aspereza que sugeria o fim do Verão. Partiram ao nascer do dia para ir ver a decapitação de um homem, vinte ao todo, e Bran cavalgava com os outros, nervoso e excitado. Fora a primeira vez que se considerara que tinha idade suficiente para ir com o senhor seu pai e os irmãos ver fazer-se a justiça do rei. Era o nono ano de Verão, e o sétimo da vida de Bran.

O homem tinha sido capturado no exterior de um pequeno povoado nos montes. Robb pensava que se tratava de um selvagem, com a espada ao serviço de Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha. Pensar nisso fazia a pele de Bran formigar. Lembrava-se das histórias que a Velha Ama lhes contava à lareira. Os selvagens eram homens cruéis, dizia, escravagistas, assassinos e ladrões. Faziam amizade com gigantes e vampiros, raptavam meninas pela calada da noite, e bebiam sangue por cornos polidos. E as suas mulheres deitavam-se com os Outros durante a Longa Noite e geravam terríveis crianças meio humanas.

Mas o homem que encontraram amarrado de pés e mãos ao muro do povoado, à espera da justiça real, era velho e descarnado, não muito mais alto do que Robb. Perdera ambas as orelhas e um dedo, queimados pelo frio, e vestia-se todo de negro como um irmão da Patrulha da Noite, se não fossem as peles estarem esfarrapadas e besuntadas de gordura.

As respirações de homens e cavalos misturavam-se em nuvens de vapor no ar frio da manhã quando o senhor seu pai ordenou que cortassem as cordas que prendiam o homem ao muro e o arrastassem até junto do grupo. Robb e Jon sentavam-se, altos e imóveis sobre os cavalos, com Bran entre eles, no seu pónei, tentando parecer mais do que os seus sete anos, tentando fingir que já antes assistira a tudo aquilo. Um vento ténue soprava através do portão do povoado. Sobre as suas cabeças agitava-se o estandarte dos Stark de Winterfell: um lobo gigante cinzento correndo por um campo de um branco de gelo.

O pai de Bran sentava-se solenemente sobre o cavalo, com o longo cabelo castanho a ondular ao vento. A barba bem aparada estava salpicada de branco, fazendo-o parecer mais velho do que os seus trinta e cinco anos. Hoje tinha uma sombra severa sobre os olhos cinzentos, e parecia bem diferente do homem que se sentava em frente ao fogo, à noite, e falava suavemente da era dos heróis e das crianças da floresta. Tirara a cara de pai,

pensou Bran, e colocara a de Lorde Stark de Winterfell.

Houve questões que foram postas e respostas que foram dadas ali, ao frio da manhã, mas, mais tarde, Bran não iria recordar muito do que fora dito. Por fim, o senhor seu pai deu uma ordem, e dois dos seus guardas arrastaram o homem esfarrapado até ao coto de pau-ferro no centro da praça. Empurraram-lhe a cabeça à força contra a madeira dura e negra. Lorde Eddard Stark desmontou e o seu protegido, Theon Greyjoy, apresentou-lhe a espada. Chamavam Gelo àquela espada. Era tão larga como uma mão de homem, e mais alta ainda do que Robb. A lâmina era de aço valiriano, forjado com feitiços e escuro como fumo. Nada mantinha o fio como o aço valiriano.

O pai de Bran descalçou as luvas e entregou-as a Jory Cassel, o capitão da guarda da sua casa. Pegou em Gelo com ambas as mãos e disse:

— Em nome de Robert da Casa Baratheon, o Primeiro do seu Nome, rei dos Andalos e dos Roniars e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protector do Domínio, pela voz de Eddard da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Guardião do Norte, condeno-vos à morte. — E ergueu a espada bem alto sobre a cabeça.

O irmão bastardo de Bran, Jon Snow, aproximou-se.

— Mantém rédea curta sobre o pônei — sussurrou. — E não afastes os olhos. O pai saberá se o fizeres.

Bran manteve rédea curta sobre o pônei e não afastou os olhos.

O seu pai cortou a cabeça ao homem com um único golpe, dado com segurança. O sangue borrifou a neve, tão vermelho como o vinho do Verão. Um dos cavalos empinou-se e teve de ser segurado para evitar que fugisse. Bran não conseguia tirar os olhos do sangue. A neve que rodeava o poste bebia-o com sofreguidão, ficando cada vez mais vermelha enquanto ele observava.

A cabeça ressaltou numa raiz grossa e rolou. Parou perto dos pés de Greyjoy. Theon era um jovem esguio e escuro de dezanove anos que achava tudo divertido. Soltou uma gargalhada, pôs a bota sobre a cabeça e deu-lhe um pontapé.

— Cretino — resmungou Jon, suficientemente baixo para que Greyjoy não ouvisse. Pôs uma mão no ombro de Bran e Bran olhou o irmão bastardo. — Estiveste bem — disse-lhe Jon solenemente. Jon tinha catorze anos, já era experiente na justiça.

O tempo parecia mais frio durante a longa viagem de regresso a Winterfell, embora o vento tivesse caído e o Sol estivesse mais alto no céu. Bran cavalgava junto aos irmãos, bem adiantados em relação ao resto dos cavaleiros, com o pônei a esforçar-se ao máximo para acompanhar o ritmo dos outros cavalos.

— O desertor morreu com bravura — disse Robb. Era grande e largo e crescia de dia para dia, com as cores da mãe, a pele clara, o cabelo vermelho acastanhado e os olhos azuis dos Tully de Correrrio. — Tinha coragem, pelo menos.

— Não — disse Jon Snow calmamente. — Não era coragem. Este estava morto de medo. Podias vê-lo nos seus olhos, Stark. — Os de Jon eram de um cinzento tão escuro que pareciam quase negros mas pouco havia que não vissem. Tinha a mesma idade que Robb, mas os dois não eram parecidos. Jon era esguio enquanto Robb era musculoso, escuro ao passo que Robb era claro, gracioso e ligeiro quando o seu meio-irmão era forte e rápido.

Robb não estava impressionado.

— Que os Outros lhe levem os olhos — praguejou. — Ele morreu bem. Fazemos uma corrida até à ponte?

— Fazemos — disse Jon, impulsionando o cavalo em frente. Robb praguejou e seguiu-o, e galoparam pelo trilho fora, com Robb aos gritos e assobios, e Jon silencioso e concentrado. Os cascos dos cavalos levantavam nuvens de neve por onde passavam.

Bran não tentou segui-los. O seu pônei não era capaz de os acompanhar. Vira os olhos do homem esfarrapado, e estava agora a pensar neles. Após algum tempo, o som das gargalhadas de Robb atenuou-se e os bosques ficaram de novo silenciosos.

Estava tão embrenhado nos seus pensamentos que não ouviu o resto do grupo até que o pai pôs o cavalo a par com a sua montada.

— Estás bem, Bran? — perguntou, não sem simpatia.

— Sim, pai — disse Bran. Olhou para cima. Envolto nas suas peles e couros, montado no grande cavalo de guerra, o senhor seu pai pairava acima de si como um gigante. — O Robb diz que o homem morreu bravamente, mas Jon disse que ele tinha medo.

— E que pensas tu? — perguntou-lhe o pai.

Bran reflectiu sobre o assunto.

— Pode um homem continuar a ser valente se tiver medo?

— Essa é a única maneira de um homem ser valente — disse o pai.

— Compreendes porque o fiz?

— Ele era um selvagem — disse Bran. — Eles roubam mulheres e vendem-nas aos Outros.

O senhor seu pai sorriu.

— A Velha Ama tem andado outra vez a contar-te histórias. Na verdade, o homem era um insurrecto, um desertor da Patrulha da Noite. Ninguém pode ser mais perigoso. O desertor sabe que a sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por

mais vil que ele seja. Mas tu não me compreendeste bem. A pergunta não era sobre o motivo por que o homem tinha de morrer, mas sim porque *eu* tive que o fazer.

Bran não tinha resposta para aquilo.

— O Rei Robert tem um carrasco — disse, em tom incerto.

— Tem — admitiu o pai. — E os reis Targaryen também os tiveram antes dele. Mas o nosso costume é o mais antigo. O sangue dos Primeiros Homens ainda corre nas veias dos Stark, e mantemos a crença de que o homem que dita a sentença deve manejar a espada. Se tirares a vida de um homem, deves olhá-lo nos olhos e ouvir as suas últimas palavras. E se não conseguires suportar fazê-lo, então talvez o homem não mereça morrer.

“Um dia, Bran, serás vassalo de Robb, mantendo um domínio teu para o teu irmão e o teu rei, e a justiça caber-te-á a ti. Quando esse dia chegar, não deves ter nenhum prazer na tarefa, mas tampouco deverás desviar os olhos. Um governante que se esconde atrás de executores pagos depressa se esquece do que é a morte.

Foi então que Jon reapareceu sobre o cume da colina à frente do grupo. Acenou e gritou-lhes “*Pai, Bran, venham depressa ver o que o Robb encontrou!*” E depois voltou a desaparecer.

Jory pôs-se ao lado de Bran e do pai.

— Problemas, senhor?

— Sem qualquer dúvida — disse o senhor seu pai. — Vamos, vamos ver que velhacaria desenterraram agora os meus filhos. — Pôs o cavalo a trote. Jory, Bran e o resto do grupo seguiram-no.

Encontraram Robb na margem do rio, a norte da ponte, com Jon ainda montado a seu lado. As neves do fim do Verão tinham sido pesadas naquela volta de Lua. Robb estava enterrado em branco até aos joelhos, com o capuz atirado para trás e o sol brilhava-lhe nos cabelos. Aconchegava alguma coisa no braço enquanto os rapazes conversavam em vozes excitadas mas baixas.

Os cavaleiros escolheram o caminho com cuidado através dos detritos empilhados pelo rio, tacteando em busca de apoio sólido no terreno escondido e irregular. Jory Cassel e Theon Greyjoy foram os primeiros a chegar perto dos rapazes. Greyjoy ria e gracejava enquanto se aproximava. Bran ouviu o fôlego a sair-lhe do peito.

— *Deuses!* — exclamou, lutando por manter o controlo do cavalo enquanto levava a mão à espada.

A espada de Jory já estava na sua mão.

— Robb, afasta-te disso! — gritou enquanto o cavalo se empinava entre as suas pernas.

Robb sorriu e ergueu o olhar do volume que tinha nos braços.

— Ela não te pode fazer mal — disse. — Está morta, Jory.

Por aquela altura, já Bran ardia de curiosidade. Teria esporeado o pônei para avançar mais depressa, mas o pai fê-los desmontar junto à ponte e aproximar-se a pé. Bran saltou do animal e correu.

Também Jon, Jory e Theon Greyjoy já tinham desmontado.

— O que, pelos sete infernos, é isso? — estava Greyjoy a dizer.

— Uma loba — disse Robb.

— Uma aberração — disse Greyjoy. — Olha o *tamanho* da coisa.

O coração de Bran martelava-lhe no peito enquanto abria caminho através de uma pilha de detritos que lhe chegava à cintura, até que chegou ao lado do irmão.

Meio enterrada na neve manchada de sangue, uma forma enorme atolava-se na morte. Tinha-se formado gelo na sua desgrenhada pelagem cinzenta, e um ténue cheiro a putrefacção agarrava-se-lhe como um perfume de mulher. Bran viu de relance olhos cegos repletos de vermes, uma grande boca cheia de dentes amarelados. Mas foi o tamanho da coisa que o fez ficar de boca aberta. Era maior do que o seu pônei, com o dobro do tamanho do maior cão de caça no canil do seu pai.

— Não é aberração nenhuma — disse Jon calmamente. — Isso é uma loba gigante. Eles crescem mais do que os da outra espécie.

Theon Greyjoy disse:

— Não é visto nenhum lobo gigante a sul da Muralha há duzentos anos.

— Estou a ver um agora — respondeu Jon.

Bran desviou os olhos do monstro. Foi nesse momento que reparou no fardo que estava nos braços de Robb. Soltou um grito de deleite e aproximou-se. O cachorro era uma minúscula bola de pêlo cinzento-escuro, ainda com os olhos fechados. Batia cegamente com o focinho contra o peito de Robb, procurando leite nos couros que o cobriam, soltando um pequeno som lamentoso e triste. Bran estendeu uma mão hesitante.

— Vá lá — disse-lhe Robb. — Podes tocar-lhe.

Bran fez um afago rápido e nervoso ao cachorro e depois virou-se quando Jon disse:

— Ora aqui tens. — O seu meio-irmão pôs-lhe um segundo cachorro nos braços. — Há cinco ao todo. — Bran sentou-se na neve e abraçou a cria de lobo, encostando-a ao rosto. O pêlo do animal era suave e morno no seu rosto.

— Lobos gigantes à solta no reino depois de tantos anos — murmurou Hullen, o mestre dos cavalos. — Não me agrada.

— É um sinal — disse Jory.

O pai franziu o sobrolho.

— Isto é só um animal morto, Jory — disse. Apesar disso, parecia perturbado. A neve rangia sob os seus pés enquanto passeava em redor do corpo. — Sabemos o que a matou?

— Há qualquer coisa na garganta — disse Robb, orgulhoso de ter encontrado a resposta mesmo antes de o pai ter perguntado. — Ali, mesmo por baixo da mandíbula.

O pai ajoelhou-se e tateou com a mão sob a cabeça do animal. Deu um puxão e ergueu a coisa para que todos a vissem. Trinta centímetros de uma haste estilhaçada de veado, com as pontas partidas, toda vermelha de sangue.

Um silêncio súbito caiu sobre o grupo. Os homens olharam inquietos para a haste e ninguém se atreveu a falar. Mesmo Bran pressentia o seu medo, embora não compreendesse.

O pai atirou a haste para o lado e limpou as mãos na neve.

— Surpreende-me que ela tenha vivido tempo suficiente para parir — disse. A sua voz quebrou o encantamento.

— Talvez não tenha — disse Jory. — Ouvi histórias... talvez a loba já estivesse morta quando os cachorros chegaram.

— Nascidos com os mortos — interveio outro homem. — Pior sorte.

— Não importa — disse Hullen. — Eles estarão também mortos não tarda.

Bran soltou um grito inarticulado de desalento.

— Quanto mais depressa, melhor — concordou Theon Greyjoy. Puxou da espada. — Dá cá o animal, Bran.

A criaturinha enroscou-se contra ele, como se tivesse ouvido e compreendido.

— *Não!* — gritou Bran ferozmente. — É meu.

— Guarda a espada, Greyjoy — disse Robb. Por um momento, soou tão autoritário como o pai, como o senhor que viria a ser um dia. — Vamos ficar com estes cachorros.

— Não podes fazer isso, rapaz — disse Harwin, que era filho de Hullen.

— Será misericordioso matá-los — disse Hullen.

Bran olhou o senhor seu pai em busca de salvação, mas só recebeu um franzir de sobrolhos, uma testa cheia de sulcos.

— Hullen fala a verdade, filho. É melhor uma morte rápida do que uma lenta, de frio e de fome.

— *Não!* — Sentia que lágrimas lhe brotavam dos olhos e afastou-os. Não queria chorar em frente ao pai.

Robb resistia com teimosia.

— A cadela vermelha de Sor Rodrik pariu de novo na semana passada — disse. — Foi uma ninhada pequena, só com dois cachorros vivos. Ela terá leite suficiente.

— Ela despedaçá-los-á quando tentarem mamar.

— Lorde Stark — disse Jon. Era estranho ouvi-lo chamar o pai assim, de um modo tão formal. Bran olhou-o com uma esperança desesperada. — Há cinco crias — disse. — Três machos e duas fêmeas.

— E então, Jon?

— Tendês cinco filhos legítimos — disse Jon. — Três filhos e duas filhas. O lobo gigante é o selo da vossa Casa. Os vossos filhos estão destinados a ficar com estes cachorros, senhor.

Bran viu o rosto do pai mudar, viu os outros homens a trocar olhares. Naquele momento, amou Jon de todo o coração. Mesmo com os seus sete anos, Bran compreendeu o que o irmão fizera. A conta estava certa apenas porque Jon se omitira. Incluía as raparigas, até incluía Rickon, o bebé, mas não o bastardo que usava o apelido Snow, o nome que o costume decretava que devia ser dado a todos aqueles que, no Norte, eram suficientemente infelizes para não possuir um nome seu.

O pai também o compreendera.

— Não queres uma cria para ti, Jon? — perguntou brandamente.

— O lobo gigante honra os estandartes da Casa Stark — fez notar Jon. — Eu não sou um Stark, pai.

O senhor seu pai olhou pensativo para Jon. Robb apressou-se a preencher o silêncio que ele deixara.

— Cuidarei eu próprio dele, pai — prometeu. — Embeberei uma toalha em leite morno e dar-lhe-ei a mamar daí.

— Eu também! — disse Bran num eco.

O senhor avaliou os filhos longa e cuidadosamente com os olhos.

— É fácil dizê-lo, mais difícil é fazê-lo. Não vos quero ver a desperdiçar com isto o tempo dos criados. Se querem estes cachorros, alimentá-los-ão vocês. Entendido?

Bran acenou com ardor. O cachorro contorceu-se nos seus braços e lambeu-lhe o rosto com uma língua morna.

— Devem treiná-los também — disse-lhes o pai. — *Devem* ensiná-los. O mestre do canil não quererá ter nada a ver com esses monstros, garantovos. E que os deuses vos protejam se os negligenciarem, os maltratarem ou os treinarem mal. Esses não são cães que pedinchem festas ou se esquivem a um pontapé. Um lobo gigante é capaz de arrancar um braço do ombro de um homem com tanta facilidade como um cão mata uma ratazana. Têm a certeza de quererem isto?

— Sim, pai — disse Bran.

— Sim — concordou Robb.

— Os cachorros podem morrer de qualquer modo, apesar de tudo o que façam.

— Eles não morrerão — disse Robb. — Não *deixaremos* que morram.

— Fiquem então com eles. Jory, Desmond, recolham os outros cachorros. É tempo de regressarmos a Winterfell.

Foi só depois de terem montado e de se terem posto a caminho que Bran se permitiu saborear o doce ar da vitória. Nessa altura, o seu cachorro estava aconchegado entre os seus couros, quente contra o seu corpo, a salvo durante a longa viagem para casa. Bran perguntava a si próprio como haveria de chamar-lhe.

A meio da ponte, Jon puxou subitamente as rédeas.

— Que se passa, Jon? — perguntou o senhor seu pai.

— Não o ouvis?

Bran ouvia o vento nas árvores, o ruído dos cascos nas tábuas de pau-ferro, os lamentos da cria faminta, mas Jon escutava outra coisa.

— Ali — disse Jon. Fez o cavalo dar meia volta e galopou pela ponte, pelo caminho por onde viera. Viram-no desmontar onde a loba gigante jazia morta na neve, viram-no ajoelhar-se. Um momento mais tarde, cavalgava de regresso, sorrindo.

— Deve ter-se afastado dos outros — disse Jon.

— Ou sido afastado — disse o pai, olhando a sexta cria. A pelagem desta era branca, enquanto a do resto da ninhada era cinzenta. Os seus olhos eram tão vermelhos como o sangue do homem esfarrapado que morrera naquela manhã. Bran achou curioso que só aquele cachorro tivesse aberto os olhos enquanto os outros ainda estavam cegos.

— Um albino — disse Theon Greyjoy com um perverso divertimento. — Este ainda vai morrer mais depressa do que os outros.

John Snow deitou sobre o protegido do seu pai um olhar longo e gelado.

— Penso que não, Greyjoy — disse. — Este pertence-me a mim.

CATELYN

Catelyn nunca gostara daquele bosque sagrado.

Nascera entre os Tully, em Correrrio, longe para sul, nas margens do Ramo Vermelho do Tridente. O bosque sagrado que aí havia era um jardim, luminoso e arejado, onde grandes árvores de pau-brasil espalhavam sombras sarapintadas por ribeiros que rumorejavam entre as margens, aves cantavam em ninhos escondidos e o ar era perfumado com o odor de flores.

Os deuses de Winterfell mantinham um tipo diferente de bosque. Era um lugar escuro e primordial, três acres de floresta antiga, intocada ao longo de dez mil anos, enquanto o castelo se levantava a toda a volta. Cheirava a terra húmida e a decomposição. Ali não crescia o pau-brasil. Aquele era um bosque de obstinadas árvores-sentinela, revestidas de agulhas cinzentas esverdeadas, de poderosos carvalhos, de árvores de pau-ferro tão velhas como o próprio reino. Ali, espessos troncos negros aglomeravam-se uns de encontro aos outros, enquanto ramos retorcidos teciam um denso dossel elevado e raízes deformadas batalhavam sob o solo. Aquele era um lugar de profundo silêncio e sombras meditativas, e os deuses que ali viviam não tinham nomes.

Mas ela sabia que naquela noite encontraria aí o seu marido. Sempre que ele tirava a vida de um homem, procurava depois o sossego do bosque sagrado.

Catelyn fora ungida com os sete óleos e fora-lhe dado o nome no arco-íris de luz que enchia o septo de Correrrio. Pertencia à Fé, tal como o seu pai e o avô, e o pai deste antes dele. Os seus deuses possuíam nomes, e os rostos deles eram-lhe tão familiares como os dos seus pais. O serviço religioso era um septão com um turíbulo, o cheiro do incenso, um cristal de sete lados animado com luz, vozes erguidas em canto. Os Tully mantinham um bosque sagrado, como todas as grandes casas, mas era apenas um lugar para passear, ler ou ficar deitado ao sol. A prece pertencia ao septo.

Por ela, Ned tinha construído um pequeno septo onde podia cantar às sete caras de deus, mas o sangue dos Primeiros Homens ainda corria nas veias dos Stark, e os seus deuses eram os antigos, os deuses sem nome nem rosto da mata verde que partilhavam com os filhos desaparecidos da floresta.

No centro do bosque, um antigo represeiro cismava sobre uma pe-

quena lagoa onde as águas eram negras e frias. Ned chamava-lhe “a árvore-coração”. A casca do represeiro era branca como osso e as suas folhas vermelhas escuras como um milhar de mãos manchadas de sangue. Uma cara tinha sido esculpida no tronco da grande árvore, de traços compridos e melancólicos, com os olhos profundamente escavados vermelhos de seiva seca e estranhamente vigilantes. Aqueles olhos eram velhos; mais velhos do que a própria Winterfell. Se as lendas falavam verdade, tinham visto Brandon, o Construtor, assentar a primeira pedra; tinham visto as muralhas de granito do castelo a crescer à sua volta. Dizia-se que os filhos da floresta tinham esculpido as caras nas árvores durante os séculos de alvorada, antes da chegada dos Primeiros Homens, vindos do mar estreito.

No sul, os últimos represeiros tinham sido derrubados ou queimados há mil anos, excepto na Ilha das Caras onde os homens verdes mantinham a sua vigilância silenciosa. Cá em cima, as coisas eram diferentes. Aqui cada castelo possuía o seu bosque sagrado, e cada bosque sagrado tinha a sua árvore-coração, e cada árvore-coração o seu rosto.

Catelyn encontrou o marido sob o represeiro, sentado numa pedra coberta de musgo. Tinha Gelo, a espada, pousada sobre as coxas e limpava-lhe a lâmina naquelas águas, negras como a noite. Mil anos de húmus jaziam numa grossa camada no solo do bosque sagrado, engolindo o som dos pés da mulher, mas os olhos vermelhos do represeiro pareciam segui-la enquanto se aproximava.

— Ned — chamou ela com suavidade.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la.

— Catelyn — disse. A sua voz era distante e formal. — Onde estão as crianças?

Ele perguntava-lhe sempre aquilo.

— Na cozinha, a discutir nomes para as crias de lobo. — Ela estendeu o manto sobre o chão da floresta e sentou-se junto à lagoa, de costas voltadas para o represeiro. Podia sentir os olhos a observá-la, mas fez o melhor que pôde por ignorá-los. — Arya já está apaixonada, e Sansa está enfeitada e apiedada, mas Rickon não está muito seguro.

— Tem medo? — perguntou Ned.

— Um pouco — admitiu ela. — Só tem três anos.

Ned franziu o sobrolho.

— Ele tem de aprender a enfrentar os seus medos. Não terá três anos para sempre. E o Inverno está a chegar.

— Sim — concordou Catelyn. As palavras provocaram-lhe um arrepio, como sempre. As palavras Stark. Todas as casas nobres tinham as suas palavras. Lemas de família, pedras de toque, espécies de orações, alardeavam honra e glória, prometiam lealdade e verdade, juravam fé e coragem.

Todas menos as dos Stark. *O Inverno está a chegar*, diziam as palavras Stark. Reflectiu sobre como aqueles nortenhos eram um povo estranho, e já não era a primeira vez que o fazia.

— O homem morreu bem, concedo-lhe isso — disse Ned. Tinha na mão um bocado de couro oleado. Fê-lo percorrer com leveza a espada enquanto falava, polindo o metal até este soltar um brilho escuro. — Fiquei contente por causa de Bran. Terias ficado orgulhosa de Bran.

— Estou sempre orgulhosa de Bran — respondeu Catelyn, observando a espada enquanto ele a esfregava. Conseguia ver as ondulações profundas do aço, onde o metal fora dobrado sobre si próprio cem vezes durante a forja. Catelyn não sentia qualquer amor por espadas, mas não podia negar que Gelo possuía a sua beleza. Tinha sido forjada em Valíria antes de a destruição ter caído sobre a antiga cidade franca, quando os ferreiros trabalhavam os seus metais tanto com feitiços como com martelos. Tinha já quatrocentos anos, e era tão aguçada como no dia em que fora forjada. O nome que ostentava era ainda mais antigo, um legado da era dos heróis, quando os Stark eram reis no Norte.

— Foi o quarto este ano — disse Ned sombriamente. — O pobre homem estava meio louco. Algo lhe incutiu um medo tão profundo que as minhas palavras não o alcançaram. — Suspirou. — Ben escreveu-me dizendo que a força da Patrulha da Noite baixou dos mil homens. Não são só deserções. Têm também perdido homens nas patrulhas.

— São os selvagens? — perguntou ela.

— Quem mais poderia ser? — Ned ergueu Gelo, e observou o aço frio ao longo de todo o seu comprimento. — E só vai piorar. Pode chegar um dia em que eu não tenha escolha a não ser reunir os vassalos e marchar para norte a fim de lidar duma vez por todas com este Rei-para-lá-da-Muralha.

— Para lá da Muralha? — A ideia fez Catelyn estremecer.

Ned viu-lhe o terror no rosto.

— Mance Rayder não é nada que devamos temer.

— Há coisas mais escuras para lá da Muralha. — Ela olhou de relance a árvore-coração nas suas costas, a sua casca clara e os olhos vermelhos, observando, escutando, pensando os seus longos e lentos pensamentos.

O sorriso dele era gentil.

— Ouves demasiadas das histórias da Velha Ama. Os Outros estão tão mortos como os filhos da floresta, desaparecidos há oito mil anos. O Mestre Luwin dir-te-ia que nunca sequer chegaram a estar vivos. Nenhum homem vivo alguma vez viu um.

— Até hoje de manhã, nenhum homem vivo tinha visto um lobo gigante — recordou Catelyn.

— Já devia saber que não se pode discutir com uma Tully — disse ele

com um sorriso triste. Devolveu Gelo à sua bainha. — Não vieste até aqui contar-me histórias de embalar. Sei bem como gostas pouco deste lugar. Que se passa, senhora minha?

Catelyn tomou nas suas a mão do marido.

— Hoje chegaram dolorosas novas, meu senhor. Não quis incomodar-te até te teres purificado. — Não havia maneira de suavizar o golpe, e ela disse-o sem rodeios. — Lamento tanto, meu amor. Jon Arryn está morto.

Os olhos dele encontraram os dela, e Catelyn viu como lhe custou, como sabia que custaria. Na juventude, Ned tinha sido acolhido no Ninho de Águia e o Lorde Arryn, que não tinha filhos seus, tinha-se tornado num segundo pai para ele e para o seu outro protegido, Robert Baratheon. Quando o Rei Aerys II Targaryen, o Louco, exigira as suas cabeças, o Senhor do Ninho de Águia erguera em revolta os seus estandartes da lua e do falcão em vez de entregar aqueles que jurara proteger.

E um dia, há quinze anos, o seu segundo pai tinha-se transformado também num irmão, quando ele e Ned se juntaram no septo de Correrrio para desposar duas irmãs, as filhas de Lorde Hoster Tully.

— Jon... — disse. — Esta notícia é segura?

— Trazia o selo do rei, e a carta vinha escrita na caligrafia do próprio Robert. Guardei-a para ti. Diz que Lorde Arryn partiu depressa. Nem o Mestre Pycelle pôde fazer alguma coisa, mas trouxe o leite da papoila, para que Jon não ficasse por muito tempo em sofrimento.

— Isso é uma pequena misericórdia, suponho — disse ele. Catelyn via o pesar no seu rosto, mas mesmo nesse momento, o primeiro pensamento dele era-lhe dedicado. — A tua irmã — disse Ned. — E o filho de Jon. Que notícias há deles?

— A mensagem dizia apenas que estavam bem e que tinham regressado ao Ninho de Águia — disse Catelyn. — Preferiria que tivessem ido para Correrrio. O Ninho de Águia é um lugar alto e solitário, e sempre foi o lugar de Jon, não deles. A memória de Lorde Jon assombrará cada pedra. Conheço a minha irmã. Ela precisa do conforto da família e dos amigos em seu redor.

— O vosso tio espera no Vale, não é verdade? Ouvi dizer que Jon o nomeou Cavaleiro do Portão.

Catelyn anuiu com a cabeça.

— Brynden fará por ela e pelo rapaz o que puder. É algum conforto, mas mesmo assim...

— Vai ter com ela — exortou Ned. — Leva as crianças. Enche-lhe os salões de ruído, gritos e risos. Aquele seu rapaz precisa de outras crianças em redor, e Lysa não deve ficar só na sua dor.

— Gostaria de o poder fazer — disse Catelyn. — A carta trazia outras

notícias. O rei viaja para Winterfell à tua procura.

Ned precisou de um momento para tirar sentido daquelas palavras, mas quando a compreensão chegou, a escuridão abandonou-lhe os olhos.

— Robert vem para cá? — Quando ela anuiu, um sorriso abriu-se no rosto dele.

Catelyn desejou poder partilhar a alegria do marido. Mas ouvira o que se dizia pelos pátios; um lobo gigante morto na neve, com uma haste partida na garganta. O terror retorcia-se no seu interior como uma serpente, mas forçou-se a sorrir para aquele homem que amava, aquele homem que não punha fé alguma nos sinais.

— Sabia que te agradaria — disse. — Devíamos enviar uma mensagem ao teu irmão, na Muralha.

— Sim, claro — concordou ele. — Ben quererá estar aqui. Direi ao Mestre Luwin para enviar a sua ave mais rápida. — Ned ergueu-se e pô-la em pé. — Demónios, quantos anos passaram já? E não nos dá mais notícias do que estas? A mensagem dizia quantos homens traz na comitiva?

— Penso que um cento de cavaleiros, pelo menos, com todos os seus servidores, e vez e meia esse número de cavaleiros livres. Cersei e as crianças viajam com eles.

— Robert virá em passo moderado por causa delas — disse Ned. — E ainda bem. Dar-nos-á mais tempo para nos prepararmos.

— Os irmãos da rainha também vêm na comitiva — disse ela.

Ao ouvir aquilo, Ned fez um trejeito. Catelyn sabia que pouca simpatia havia entre ele e a família da rainha. Os Lannister de Rochedo Casterly tinham chegado tarde à causa de Robert, quando a vitória era praticamente certa, e ele nunca lhes perdoara por isso.

— Bem, se o preço a pagar pela companhia de Robert é uma infestação de Lannister, que seja. Parece que Robert traz metade da corte.

— Onde o rei vai, o reino segue — disse ela.

— Será bom ver as crianças. O mais novo ainda mamava da teta da Lannister da última vez que o vi. Agora deve ter, quê?, cinco anos?

— O Príncipe Tommen tem sete anos — informou ela. — A mesma idade de Bran. Por favor, Ned, tem tento na língua. A Lannister é a nossa rainha, e diz-se que o seu orgulho cresce a cada ano que passa.

Ned apertou-lhe a mão.

— Terá de haver um festim, bem entendido, com cantores, e Robert quererá caçar. Enviarei Jory para sul, com uma guarda de honra ao seu encontro, a fim de os escoltar no caminho até cá pela estrada do rei. Deuses, como iremos alimentá-los a todos? Maldito seja o homem. Maldito seja o seu real couro.

DAENERYS

O irmão ergueu o vestido para que ela o inspecionasse.

— Isto é beleza. Toca-lhe. Vá lá. Acaricia o tecido.

Dany tocou-lhe. O tecido era tão macio que parecia correr-lhe pelos dedos como água. Não se conseguia lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-a. Afastou a mão.

— É mesmo meu?

— Um presente do Magíster Illyrio — disse Viserys, sorrindo. O irmão estava de bom humor naquela noite. — A cor realçará o violeta dos teus olhos. E também terás ouro e jóias de todos os tipos. Illyrio prometeu-o. Esta noite deves parecer uma princesa.

Uma princesa, pensou Dany. Já esquecera como isso era. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

— Porque nos dá ele tanto? — perguntou. — O que quer de nós? — Há quase meio ano que viviam na casa do magíster, comiam da sua comida, eram apapicados pelos seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vêm sem preço, ali na cidade livre de Pentos.

— Illyrio não é nenhum tolo — disse Viserys. Era um jovem magro com mãos nervosas e um ar febril nos seus olhos de um tom claro de lilás. — O magíster sabe que não esquecerei os amigos quando subir ao trono.

Dany nada disse. O Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo para lá delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas, e ouvia estas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão quando ele tecia as suas teias de sonho. Quando era despertada, a ira de Viserys era algo de terrível. Ele chamava-lhe “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

— Illyrio vai enviar as escravas para te darem banho. Assegura-te de que te vês livre do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de montada. — Estudou-a criticamente. — Ainda entortas as costas. Endireita-te. — Pôs-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. — Deixa-os ver que tens agora a forma de uma mu-

lher. — Os dedos do irmão roçaram levemente nos seus seios em botão e apertaram-se num mamilo. — Não me falharás esta noite. Se o fizeres, será mau para ti. Não queres acordar o dragão, pois não? — Os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosseiro da túnica. — *Pois não?* — repetiu.

— Não — disse Dany docilmente.

O irmão sorriu.

— Ótimo. — Tocou-lhe o cabelo, quase com afeição. — Quando crescerem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até à janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As torres quadradas de tijolo de Pentos eram silhuetas negras delineadas contra o sol poente. Dany conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos a cantar enquanto acendiam as piras nocturnas e os gritos de crianças esfarrapadas que jogavam para lá dos muros da propriedade. Por um momento, desejou poder estar lá fora com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, nem um banquete a que ir na mansão de Khal Drogo.

Algures para lá do sol-posto, do outro lado do estreito mar, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre magníficas montanhas azuis-acinzentadas, e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes dos seus senhores. Os Dothraki chamavam a essa terra *Rhaesh Andahli*, a terra dos ándalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O seu irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “a nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse as vezes suficientes, os deuses certamente ouviriam. “É nosso o direito de sangue, usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, oh, não. O dragão recorda”.

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, este domínio para lá do estreito mar. Aqueles lugares de que falava, Rochedo Casterly e o Ninho de Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys fora um rapaz de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Daenerys não passara de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimentos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histórias. A fuga a meio da noite para Pedra do Dragão, com o luar a cintilar nas velas negras do navio. O seu irmão, Rhaegar, a dar batalha ao Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e a morrer pela mulher que amava. O saque

de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os senhores Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne a suplicar por misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante os seus olhos. Os crânios polidos dos últimos dragões a olharem sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abriu a garganta do Pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão quatro luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de Verão que ameaçava destroçar a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade fora terrível. A frota Targaryen foi esmagada enquanto estava ancorada e enormes blocos de pedra foram arancados aos parapeitos e precipitados sobre as águas encapeladas do mar estreito. A sua mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse facto o irmão Viserys nunca lhe perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, imediatamente antes de o irmão do Usurpador se ter feito ao mar com a sua nova frota. Por essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, apenas restava Pedra do Dragão, a antiga sede da sua Casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para os vender ao Usurpador, mas, uma noite, Sor Willem Darry e quatro homens leais introduziram-se no quarto das crianças, raptaram-nos a ambos e à sua ama-de-leite, e fizeram-se ao mar a coberto da noite em busca da segurança da costa bravosiana.

Lembrava-se vagamente de Sor Willem, um homem que mais parecia um grande urso cinzento, meio cego, a rugir e a berrar ordens a partir da sua cama de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por ele, mas sempre fora bondoso para Dany. Chamava-lhe “pequena princesa” e por vezes “minha senhora”, e as suas mãos eram suaves como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença agarrava-se-lhe de dia e de noite, um odor quente, húmido, de uma doçura doentia. Nessa altura viviam em Bravos, na casa grande de porta vermelha. Dany tinha aí o seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de Sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em breve foram postos fora da casa grande. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara nas suas costas para sempre.

Desde essa altura, tinham andado de um lado para o outro, de Bravos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não o permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador vinham atrás deles, perto, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham-se sentido felizes por dar as boas-vindas aos últimos Targaryen às suas casas e mesas, mas à medida que os anos foram passando e o Usurpador

continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram-se fechando e as suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, tinham-se visto forçados a vender os últimos tesouros, e agora até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da Mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos, chamavam ao seu irmão “rei pedinte”. Dany não queria saber o que lhe chamavam a si.

— Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã — prometia-lhe Viserys. Às vezes as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. — As jóias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo o que nos roubaram, teremos tudo de volta. — Ele vivia para esse dia. Tudo o que Daenerys queria de volta era a grande casa da porta vermelha com o limoeiro em frente da janela do seu quarto, a infância que nunca conhecera.

Ouviu-se um suave toque na porta.

— Entre — disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com vênias e começaram a tratar das suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothraki do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a rapariga compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezasseis anos com cabelo claro e olhos azuis que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram-lhe a banheira com água quente trazida da cozinha e perfumaram-na com óleos odoríferos. A rapariga puxou a túnica de algodão grosseiro pela cabeça de Dany e ajudou-a a entrar na banheira. A água es-caldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente de mais para um Targaryen. “A nossa é a Casa do dragão”, dizia. “O fogo está-nos no sangue.”

A mulher mais velha lavou o seu longo cabelo esbranquiçado, e removeu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A rapariga esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

— Drogo é tão rico que até os seus escravos usam colares de ouro. O seu *khalasar* tem cem mil cavaleiros, e o seu palácio em Vaes Dothrak tem duzentos quartos e portas de prata sólida. — E houve mais do mesmo género, muito mais, como o *khal* era um homem bonito, como era alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que alguma vez montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre assumira que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham-se casado irmão com irmã, desde que Aegon o Conquistador tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o

sangue dourado da antiga Valíria, o sangue do dragão. Os dragões não aca-salavam com os animais dos campos, e os Targaryen não misturavam o seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Viserys conspirava para a vender a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas ajudaram-na a sair da água e seca-ram-na com toalhas. A rapariga escovou-lhe o cabelo até o pôr a brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o perfume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada pulso, atrás das orelhas, na ponta dos seios, e um último, fresco nos lábios, em baixo entre as pernas. Vestiram-lhe a roupa de baixo que o Magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta dos seus olhos. A rapariga enfiou-lhe as sandálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara no cabelo e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas para os seus pulsos. O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

— Agora sim, pareceis uma princesa — disse a rapariga, sem fôlego, quando terminaram. Dany olhou de relance para a sua imagem no espe-lho prateado que Illyrio tão providentemente lhe fornecera. Uma princesa, pensou, mas lembrou-se do que a rapariga dissera, de como Khal Drogo era tão rico que até os seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepio, e a pele de galinha eriçou-se nos seus braços nus.

O irmão esperava-a na frescura do átrio, sentado na margem da fon-te, a arrastar a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

— Põe-te aqui — disse. — Vira-te. Sim. Ótimo. Tens um ar...

— Real — disse o Magíster Illyrio, entrando por uma arcada. Movia-se com uma delicadeza surpreendente num homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, rolos de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os dedos e o seu cria-do oleara-lhe a barba amarela bifurcada até brilhar como ouro verdadeiro. — Que o Senhor da Luz vos banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, Princesa Daenerys — disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. — Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão — disse, dirigindo-se a Viserys. — Drogo ficará arrebatado.

— É magra de mais — disse Viserys. O seu cabelo, do mesmo tom louro prateado do dela, tinha sido puxado para trás e bem atado com um pregador de osso de dragão. Era um visual severo que dava ênfase às linhas duras e magras do seu rosto. Pousou a mão no punho da es-pada que Illyrio lhe emprestara e disse: — Tendes a certeza de que Khal

Drogo gosta das suas mulheres assim tão novas?

— Ela já teve o seu sangue. Tem idade suficiente para o *khal* — respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que o dizia. — Olhai para ela. Aquele cabelo louro prateado, aqueles olhos púrpura... ela é do sangue da antiga Valéria, sem dúvida, sem dúvida... e bem nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate o nosso Drogo. — Quando Illyrio lhe largou a mão, Daenerys deu por si a tremer.

— Suponho que sim — disse o irmão em tom duvidoso. — Os selvagens têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas...

— É melhor não sugerir isso a Khal Drogo — disse Illyrio.

A ira flamejou nos olhos lilás de Viserys.

— Tomais-me por um tolo?

O magíster fez uma ligeira vénia.

— Tomo-vos por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens vulgares. As minhas desculpas se vos ofendi. — Virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram no palanquim elaboradamente esculpido de Illyrio. Dois criados iam à frente para lhes alumiar o caminho, transportando ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um vidro azul claro, e uma dúzia de homens fortes levavam os paus aos ombros. O espaço lá dentro, por trás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob os seus pesados perfumes.

O irmão, escarrapachado em almofadas a seu lado, nada notava. A sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

— Não necessitaremos de todo o seu *khalasar* — disse Viserys. Os seus dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada a sério. — Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki. O domínio erguer-se-á em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E as pessoas simples estarão connosco. Elas choram pelo seu rei. — Olhou ansioso para Illyrio. — Choram, não é verdade?

— São o vosso povo, e amam-vos bastante — disse amavelmente o Magíster Illyrio. — Em povoados por todo o território, os homens fazem brindes secretos à vossa saúde enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e escondem-nos até ao dia do vosso regresso do outro lado das águas. — Encolheu os maciços ombros. — Ou pelo menos é o que me dizem os meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém

estaria a fazer ou a pensar do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito ao homem. Mas o irmão acenava com ardor.

— Matarei eu próprio o Usurpador — prometeu, ele que nunca matara ninguém —, tal como ele matou o meu irmão Rhaegar. E também Lannister, o Regicida, pelo que fez ao meu pai.

— Isso será muito adequado — disse o Magíster Illyrio. Dany viu a minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem, mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava a lutar de novo a Batalha do Tridente.

A mansão de nove torres de Khal Drogo erguia-se junto às águas da baía, com hera de tons claros a cobrir os seus grandes muros de tijolo. Tinha sido oferecida ao *khal* pelos magísteres de Pentos, disse-lhes Illyrio. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos cavalos.

— Não é que tenhamos esses bárbaros — explicava Illyrio com um sorriso. — O Senhor da Luz poderia defender as nossas muralhas contra um milhão de dothraki, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes vermelhos... mas para quê correr riscos quando a sua amizade sai tão barata?

O palanquim em que seguiam foi parado ao portão e as cortinas puxadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele acobreada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto livre de pêlos e usava o capacete guarnecido de espigões dos Imaculados. Avaliou-os friamente. O Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e deu-lhes passagem com um gesto através dos portões.

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no punho da sua espada emprestada. Parecia quase tão assustado como ela se sentia.

— Eunuco insolente — murmurou Viserys enquanto o palanquim subia aos balanços até à mansão.

As palavras do Magíster Illyrio eram mel.

— Esta noite estarão muitos homens importantes no banquete. Homens assim têm inimigos. O *khal* deve proteger os seus convidados, vós acima de todos, Vossa Graça. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria bem pela vossa cabeça.

— Oh, sim — disse sombriamente Viserys. — Ele tentou, Illyrio, asseguro-vos disso. Os seus traidores contratados seguem-nos para todo o lado. Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

O palanquim abrandou e parou. As cortinas foram puxadas e um

escravo ofereceu uma mão para ajudar Daenerys a sair. O seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão seguiu-a, com uma das mãos ainda cerrada com força no punho da espada. Foram precisos dois homens fortes para pôr de novo o Magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz de fogo, limão doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valíria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco cantou a sua chegada:

— Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome — gritou numa voz doce e aguda —, Rei dos Andalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protector do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, princesa de Pedra do Dragão. O seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, Magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram num pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam por entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothraki, grandes homens de pele vermelha acastanhada, com os bigodes pendentes presos por anéis de metal, e o cabelo negro oleado, entrançado e atado a campainhas. Mas por entre eles moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo do que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben, e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou-os a todos maravilhada... e compreendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali presente.

Illyrio sussurrou-lhes:

— Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo, ali — disse. — Junto ao pilar está Khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do Arconte de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é Sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

— Um cavaleiro?

— Nem mais, nem menos. — Illyrio fez um sorriso sob a barba. — Ungido com os sete óleos pelo próprio Alto Septão.

— Que faz ele aqui? — disse ela.

— O Usurpador quis vê-lo morto — disse-lhes Illyrio. — Uma afrontinha qualquer. Vendeu alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos de Tyrosh em vez de os entregar à Patrulha da Noite. Uma lei absurda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entenda com os seus bens.

— Quererei falar com Sor Jorah antes do fim da noite — disse Viserys. Dany deu por si a olhar com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e a perder o cabelo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava de lã e de couro. A sua túnica era verde escura, bordada com a imagem de um urso negro em pé sobre duas patas.

Ainda observava aquele estranho homem vindo da pátria que nunca conhecera quando o Magíster Illyrio colocou uma mão húmida no seu ombro nu.

— Ali, doce princesa — sussurrou — está o próprio *khal*.

Dany quis fugir e esconder-se, mas o irmão estava a observá-la e sabia que se lhe desagradasse, acordaria o dragão. Ansiosa, virou-se e olhou o homem que Viserys esperava que pedisse para desposá-la antes de a noite acabar.

A jovem escrava não se enganara muito, pensou. Khal Drogo era uma cabeça mais alto do que o mais alto dos presentes na sala, mas de certo modo leve de pés, tão gracioso como a pantera que havia na colecção de Illyrio. Era mais novo do que ela pensara, não teria mais de trinta anos. A sua pele era da cor de cobre polido, e o seu espesso bigode estava preso com anéis de ouro e bronze.

— Devo ir fazer as minhas apresentações — disse o Magíster Illyrio. — Esperai aqui. Trá-lo-ei até vós.

O irmão tomou-lhe o braço quando Illyrio se dirigiu, bamboleante, até junto do *khal*, e os seus dedos apertaram-na com tanta força que a magoaram.

— Vês a sua trança, querida irmã?

A trança de Drogo era negra como a meia-noite, pesada de óleo perfumado e repleta de minúsculas campainhas que tiniam suavemente quando ele se movia. Chegava-lhe bem abaixo do cinto, até mesmo abaixo das nádegas; a ponta roçava-lhe na parte de trás das coxas.

— Vês como é longa? — disse Viserys. — Quando os dothraki são derrotados em combate, cortam as tranças em desgraça para que o mundo saiba da sua vergonha. Khal Drogo nunca perdeu um combate. É Aegon, o Senhor do Dragão, regressado, e tu serás a sua rainha.

Dany olhou Khal Drogo. O seu rosto era duro e cruel, os seus olhos tão frios e escuros como ónix. O irmão magoava-a por vezes, quando acordava o dragão, mas não a assustava como aquele homem o fazia.

— Não quero ser sua rainha — ouviu a sua voz dizer num tom fraco e agudo. — Por favor, *por favor*, Viserys, não quero. Quero ir para casa.

— *Para casa?* — Ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. — Como havemos de ir para casa, minha doce irmã?

Eles roubaram-nos a casa! — Levou-a para as sombras, para fora de vista, com os dedos a enterrar-se na sua pele. — *Como havemos de ir para casa?* — repetiu, referindo-se a Porto Real, e a Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido.

Dany quisera apenas falar dos seus quartos na propriedade de Illyrio, que certamente não seria uma casa verdadeira mas era tudo o que possuíam, mas o irmão não quisera ouvir isso. Ali não havia para ele uma casa. Mesmo a casa grande com a porta vermelha não fora uma casa para ele. Os seus dedos enterravam-se com força no braço dela, exigindo uma resposta.

— Não sei... — disse por fim, com a voz a perder firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

— Mas eu sei — disse ele com voz cortante. — Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, eis como vamos para casa. E se para isso tiveres de casar-te com ele e com ele dormir, fá-lo-ás. — Sorriu-lhe. — Deixaria que todo o seu *khalasar* te fodesse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isso fosse necessário para obter o meu exército. Fica grata que seja só o Drogo. Com o tempo, podes até aprender a gostar dele. Agora seca os olhos. Illyrio está a trazê-lo para cá, e ele *não vai* ver-te chorar.

Dany virou-se e viu que era verdade. O Magíster Illyrio, todo sorrisos e vénias, escoltava Khal Drogo em direcção ao sítio onde eles se encontravam. Afastou com as costas da mão as lágrimas que não tinham saído dos seus olhos.

— Sorri — murmurou Viserys nervosamente, com a mão a cair sobre o punho da espada. — E põe-te direita. Deixa que ele veja que tens seios. Bem sabem os deuses que os tens bem pequenos.

Daenerys sorriu e pôs-se direita.